



RESUMOS EXPANDIDOS E RELATOS DE EXPERIÊNCIA

IMPLEMENTAÇÃO DE CISTERNAS NO MUNICÍPIO DE SERRINHA: QUALIDADE DE VIDA E DESAFIOS À CONSOLIDAÇÃO

**Maria Auxiliadora Freitas Santos¹, Bruna Santos de Santana²; Glauciane Pereira dos Santos³;
Lorena Santos de Jesus⁴; Josenilda dos Santos Anúnciação⁵**

¹Docente IFBaiano. Email: dorafreitas2004@yahoo.com.br; ²Discente do IFBaiano - Curso Técnico de Agroecologia.

Email: brunasantos016@outlook.com; ³Discente do IFBaiano - Curso Técnico de Agropecuária. Email:

glaucine2611@gmail.com; ⁴Discente do IFBaiano - Curso Técnico de Agroecologia. Email:

santoslorena0602@gmail.com; ⁵Discente do IFBaiano - Curso Técnico de Agropecuária. Email: nildajo10@gmail.com

INTRODUÇÃO

Com um índice pluviométrico de 750 mm ao ano, o semiárido brasileiro pode ser considerado como um dos mais chuvosos do planeta. No entorno destas questões, as discussões sobre a seca no Nordeste brasileiro não são recentes e as problemáticas atreladas à convivência e qualidade de vida das pessoas que habitam esse espaço vem ganhando cada vez mais espaço na sociedade.

Assim, o discurso criado em torno da questão do semiárido brasileiro, historicamente estigmatizou a seca como um problema, reforçando sua visão como fator de materialização dos poderes oligárquicos regionais/locais.

Logo, a desconstrução desse discurso pelos movimentos sociais tem -se pautado na (re)construção do entendimento da convivência com o semiárido, uma vez que as irregularidades dos índices pluviométricos na região consistem em uma condição ambiental, exigindo assim, a formulação de estratégias que motivem a permanência nesse espaço e preconize a preservação e valorização de sua biodiversidade.

Atrelado a este contexto, políticas públicas têm sido realizadas com o objetivo de potencializar a realidade local segundo suas condições climáticas e ambientais, assim como as suas influências na vida do homem e da mulher do campo. Pode-se citar os programas que estimulam a captação e armazenamento da água de chuva a partir de tecnologias sociais, vide exemplo, as cisternas rurais, que tem possibilitado o convívio dos atores sociais residentes no campo, os quais, em muitas situações cotidianas, percorrem longas distâncias em busca deste bem tão precioso (MORAIS, et al 2011). A captação da água de chuva é uma das formas mais simples, viáveis e baratas para se viver bem na região (MALVEZZI, 2007, p.10).



As cisternas, em algumas situações, são implementadas através de programas governamentais em parceria com instituições e movimentos sociais. A Associação dos Pequenos agricultores da Bahia – APAEB, o Movimento de Organização Comunitária – MOC e o Consócio do Município do Território do Sisal – Consisal, são instituições que buscam fortalecer a luta pelos direitos do sujeito do campo no território do sisal, sendo importante na construção de projetos como os anteriormente citados, inclusive no fortalecimento e empoderamento do aproveitamento do potencial hídrico local:

A água potável é um direito de todos os cidadãos e cidadãs. [No entanto, ela se encontra em difícil acesso aos moradores do sertão.] Ela [a água] é fundamental para a segurança alimentar e nutricional e condição prévia para a realização de outros direitos humanos (ASA, 2016).

Estas tecnologias sociais possibilitam o abastecimento de água sob uma perspectiva que valoriza a sustentabilidade local. Em contrapartida, faz-se necessário que ações educativas sejam realizadas para que a sua manutenção seja assegurada, considerando os aspectos construtivos e sua qualidade da água.

Nesta premissa, este trabalho teve como objetivo diagnosticar os mecanismos estruturais e de gerenciamento da água armazenadas em cisternas rurais localizadas na comunidade Isabel, município de Serrinha-BA.

METODOLOGIA

A área de estudo foi na comunidade de Isabel, localizada no município de Serrinha-Ba, o qual encontra-se inserido no Território do Sisal. A comunidade foi escolhida em virtude de utilizar as cisternas como fonte de abastecimento de água local.

Neste trabalho foram utilizadas as seguintes etapas: pesquisa bibliográfica, visitas *in loco*, aplicação de questionário a mulheres que dispõem da tecnologia estudada. A escolha do gênero feminino justificou-se pela compreensão de sua importância no tocante à responsabilidade de gerenciar a água no ambiente intradomiciliar. As mulheres entrevistadas foram escolhidas de forma aleatória.



Durante as visitas também foram efetuadas observações diretas e registro das condições de manutenção das cisternas, telhados, calhas ou dutos e funcionamento e as relações com as formas de captação, manuseio e gerenciamento da água armazenada em cisternas rurais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos questionários aplicados, percebeu-se que entre as cisternas implementadas na comunidade, a mais recente foi há seis meses e mais antiga a dezesseis anos. A média de implantação da cisterna é de aproximadamente nove anos. Dentre as mulheres entrevistadas, apenas duas captam água da chuva, enquanto as outras removeram os sistemas de captação e armazenam somente água oriunda de carro-pipa. A justificativa para esta ação, segundo as agricultoras, consiste na qualidade da água captada e na periodicidade das precipitações locais.

Assim, vale ressaltar que a captação da água necessita ser refletida de forma contínua e permanente a partir de uma perspectiva ambiental e valorização local, pois esta tecnologia é implementada como uma forma de reduzir a dependência política do recurso hídrico.

Importante concordar que “a construção de cisternas no sertão nordestino tem-se mostrado uma solução alternativa, em busca da convivência do sertanejo diante da seca, sobretudo utilizando a captação de águas de modo sustentável” (JUNIOR, *et al* 2015), no entanto, as relações objetivas (uso, manejo, adequação, finalidade) e simbólicas (sofrimento com a seca, desejo da chuva) precisam ser ressignificados durante o processo cotidiano de apropriação dessa tecnologia social. Por essa perspectiva, embora a cisterna seja construída com a finalidade de aproveitamento de água de chuva, somente “a sua presença não implica que há necessariamente a prática do armazenamento de água de chuva” (NÓBREGA, *et al* 2011).

No tocante à estrutura, observou-se alguns problemas construtivos, dentre eles: rachaduras, ferrugem, perda de parte do concreto e ausência de pintura, conforme figuras 01 e 02.



Figura 01: Cisterna situada na unidade doméstica. **Figura 02.** Cisterna necessitando de pintura doméstica.

Fonte: Autoras (2016)

A existência de rachaduras e problemas com as tampas das cisternas são consideradas portas de entradas para contaminantes (AMORIM; PORTO, 2003). Desta forma a manutenção dos sistemas de coleta, assim como das próprias cisternas, consistem em mecanismos que garantem a qualidade da água a ser ingerida.

A partir destas e outras questões visualizadas, evidenciou-se que os órgãos responsáveis pela implementação da tecnologia social no referido local de estudo não estabelecem um processo de monitoramento, avaliação e instrumentos educacionais contínuos e permanentes, de forma a garantir a sustentabilidade da tecnologia implementada.

Segundo as entrevistas realizadas, os usos da água armazenada são múltiplos, dentre eles: consumo humano, animal, confecção dos alimentos e práticas domésticas. Assim, a eficácia do sistema desta tecnologia social compromete sua viabilidade de armazenamento da água durante o período de estiagem, o que se contrapõem aos princípios que norteiam a convivência com o semiárido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Disto isso, os indivíduos inseridos neste espaço que necessitam do recurso hídrico realizam o manuseio de forma indevida, já que a maior parte das entrevistadas abandonaram os utensílios de captação de água e utilizam apenas água de outras fontes.

Desta forma, para que a implementação de programas com estas finalidades promova efetivamente o desenvolvimento rural local, são necessárias ações que envolvam a Educação

Cadernos Macambira

V. 2, Nº 2, p. 132, 2017.

Anais do III Simpósio de Agroecologia da Bahia.
Serrinha, BA, Laboratório de Políticas Públicas,
Ruralidades e Desenvolvimento Territorial – LaPPRuDes
<http://revista.lapprudes.net/>



Ambiental e Sanitária contextualizadas de forma contínua e permanente, envolvendo os atores sociais diretamente envolvidos neste processo.

REFERÊNCIAS

AMORIM, M.C.C.; PORTO, E.R. Considerações sobre controle e vigilância da qualidade de água de cisternas e seus tratamentos. In: Simpósio brasileiro de captação de água de chuva, 4., 2003. Juazeiro-BA: ABCMAC. **Anais...** Juazeiro-BA: ABCMAC, 2003.

MALVEZZI, Roberto. Semi-árido: Uma Visão Holística. Brasília: Confea, 2007. p10.

SANTOS, Maria Auxiliadora Freitas dos [et. al]. Qualidade Da Água De Chuva Armazenada Em Cisternas Rurais Na Região De Serrinha/Ba. **8º Simpósio Brasileiro de Captação e Manejo de Água de Chuva**, Campina Grande/PB, 2012.

SILVA, Maria Sueleuda Pereira da; LIMA, Elmo de Souza. **A Educação do Campo como Estratégia de Convivência com o Semiárido**. Disponível em <<http://www.ufpi.br>> Acesso em: 06 jun 2016.

Articulação Semiárido Brasileiro. Disponível em: <<http://www.asabrazil.org.br/acoes/p1mc>>. Acesso em: 04 de Out. de 2016

IMPLANTAÇÃO DE CISTERNAS NO COMBATE À SECA: UM ESTUDO DE CASO NAS COMUNIDADES RURAIS DE PORTO ALEGRE RN/BRASIL. Disponível em: [http://www.confea.org.br/media/Agronomia implantacao de cisternas no combate a seca um estudo de caso.pdf](http://www.confea.org.br/media/Agronomia%20implantacao%20de%20cisternas%20no%20combate%20a%20seca%20um%20estudo%20de%20caso.pdf). Acesso em: 02 de out. De 2016.

MORAIS, Maria Manoela [et al]. Quantidade de água em reservatórios. In: GALVÃO, Carlos de Oliveira; CIRILO, José Almir; CABRAL, Jaime J. S.(Org.). **Recursos hídricos para convivência com o semiárido**: Abordagens por pesquisadores no Brasil, Portugal, Cabo Verdes, Estados Unidos e Argentina. Porto Alegre: ed. Universitária UFPE, 2011.

NÓBREGA, Rodolfo Luiz Bezerra [et al]. Água de chuva para uso doméstico. In: GALVÃO, Carlos de Oliveira; CIRILO, José Almir; CABRAL, Jaime J.S.(Org.). **Recursos hídricos para convivência com o semiárido**: Abordagens por pesquisadores no Brasil, Portugal, Cabo Verdes, Estados Unidos e Argentina. Porto Alegre: ed. Universitária UFPE, 2011.